



A floresta vazia

Anderson Valle

A floresta vazia



Presidência da República

Dilma Rousseff

Ministério do Meio Ambiente

Izabella Teixeira

Instituto Brasileiro do Meio ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

Volney Zanardi Júnior

Diretoria de Proteção Ambiental

Luciano Evaristo de Menezes



Ministério do Meio Ambiente
Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis



Anderson Valle

Brasília, 2015

Anderson Valle há 8 anos milita pelas causas Ambientais é Biólogo e Mestre em Comportamento Animal, Vegetariano e Agente Federal no IBAMA. Esteve duas vezes Coordenador de um dos maiores Centros de Triagem de Animais Silvestres. Dedicou-se à gestão de projetos ambientais sustentáveis na área de Proteção aos animais e do Meio Ambiente.

É autor dos livros Ecoturismo Técnico - Chapada Imperial, A Floresata Vazia, Animais de circo: um minuto de espetáculo, uma vida de sofrimento, e atualmente escreve os livros: Crimes contra a Fauna, Guia de Identificação da Fauna da Apa de Cafuringa, Guia ilustrado da Flora da Apa de Cafuringa e Manual de Boas Práticas em fiscalização de Fauna Silvestre.

Participou em projetos de conservação como Tamar, Pequenos Cetáceos, Baleia Jubarte e Reamar. Foi Docente do Universitário ao fundamental.

É autor de 20 artigos técnicos, parecerista em processos de crime ambiental, e consultor em ecoturismo pedagógico.

EDIÇÃO

Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

Diretoria de Planejamento, Administração e Logística

Centro Nacional de Informação Ambiental

SCEN, Trecho 2, Edifício-Sede do Ibama,

Bloco C- Subsolo

CEP 70818-900, Brasília, DF

Telefone: (61) 3316-1206

Fax: (61) 3316-1123

Chefe

Cláudia Moreira Diniz

Revisão

Ana Célia Luli

Maria José Teixeira

Ilustração e diagramação

Fátima Feijó

Normatização Bibliográfica

Helionidia C. Oliveira Pavel

Catálogo na Fonte
Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

V175f Valle, Anderson do.

A floresta vazia / Anderson do Valle; Ilustração de: Fátima Feijó. – Brasília: Ibama, 2015.

20 p. : il. color. ; 29 cm

ISBN 978-85-7300-378-9

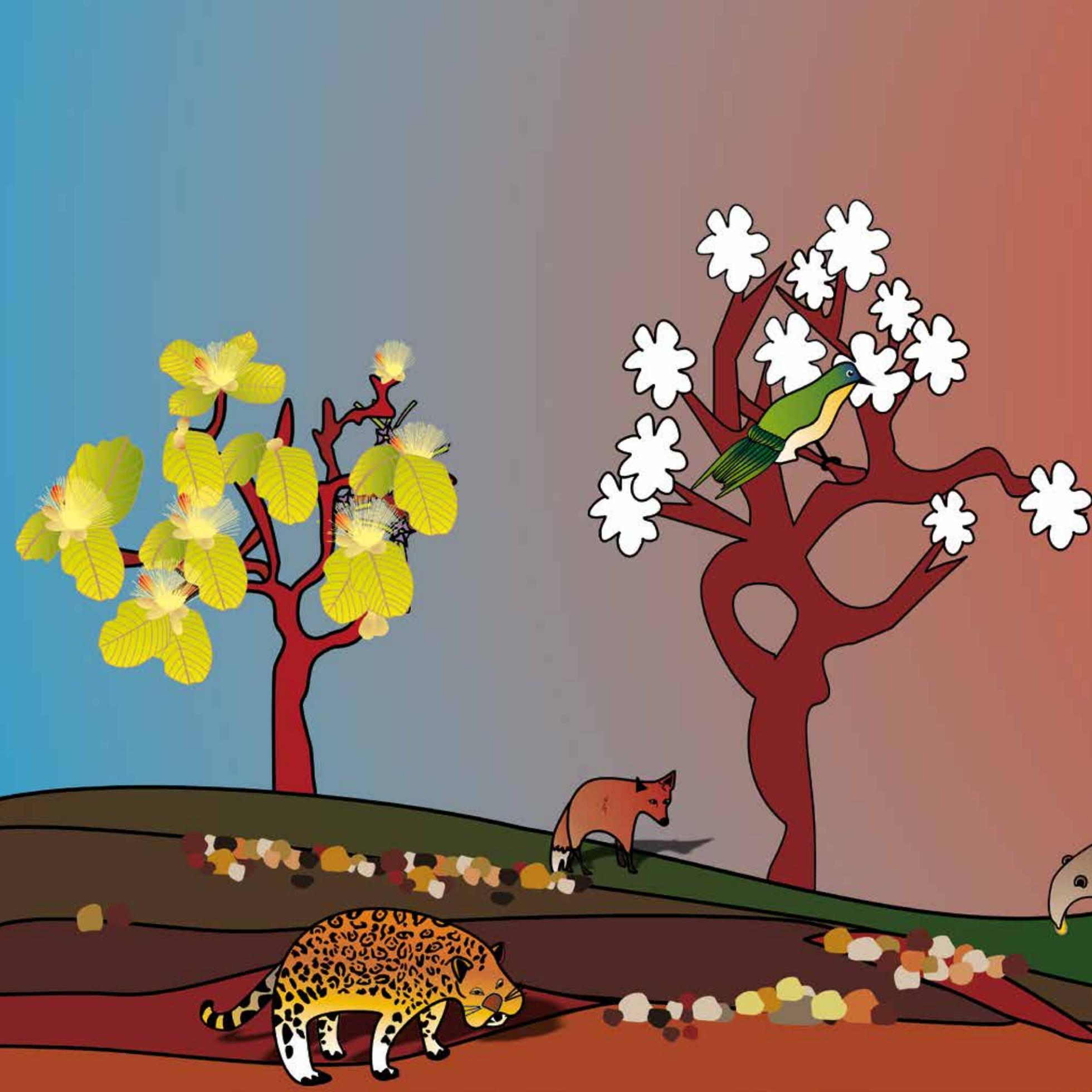
1. Cartilha. 2. Literatura infantil. 3. Desmatamento. I. Valle, Anderson do. II. Feijó, Fátima. III. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – Ibama. IV. Centro Nacional de Informação Ambiental – CNIA. V. Título.

CDU(2.ed.)630.221

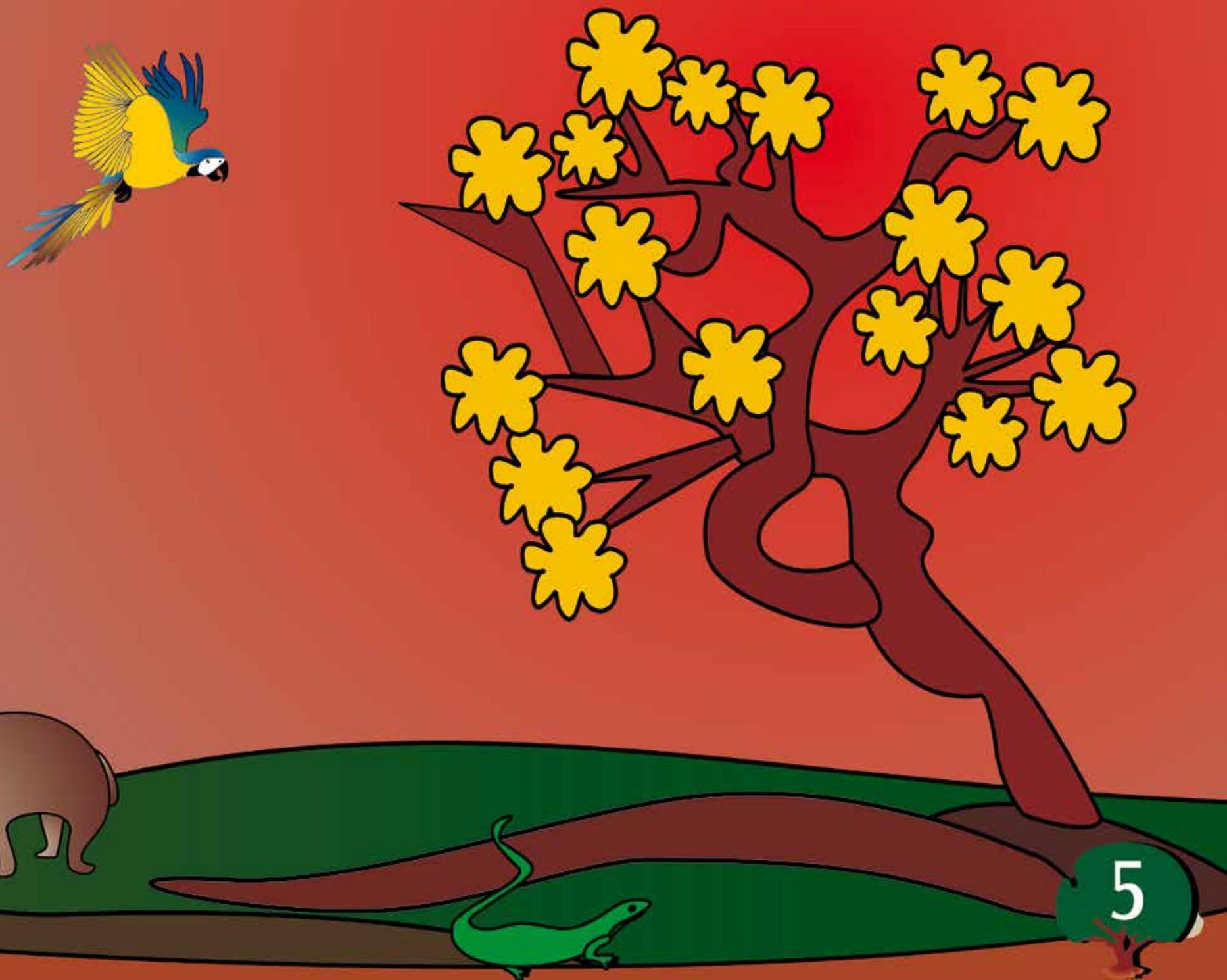
“O Livro A Floresta Vazia subsidiou o Projeto Janelas que o utilizou para desenvolver o tema a proteção das florestas, tratado como eixo transversal pela Escola Classe 206 sul – Brasília/DF. Como Resultado, além do aprendizado significativo dos alunos, conquistamos o primeiro lugar no Distrito Federal em concurso sobre proteção das florestas organizado pela União Postal Universal realizado pelos Correios”.

Rejane Veloso Portela Xavier
Diretora da Escola Classe 206 Sul





Na savana, em meio à areia e ao cascalho vermelho que pulsa como se estivesse vivo, efeito causado pelo ar quente que se acomoda no chão, uma árvore. Solitária árvore.



Nessa árvore pousava uma arara-canindé. Rara de se ver.
Contam que fugiu para as regiões pantanosas, abandonando
o Cerrado tempos atrás.



Ela voava 40 quilômetros de ares todos os dias.
Dormia em um paredão de rocha distante e vinha
para cá se alimentar. Pousava na árvore
e assim foi por muitos anos.
Até que um dia desapareceu.



Os animais que viram contam outro caso:
que um homem a pegou.



Dizem que a levou e numa feira a vendeu, à custa de poucas moedas, para começar uma criação de porcos. Foi por causa desse dito-cujo que tudo que era vivo se acabou e a floresta ficou vazia.



A arara, todos os dias, estava aqui pela manhã, alardeava com seus gritos que já estava tomando o seu café nos cachos mais altos das árvores frutíferas.

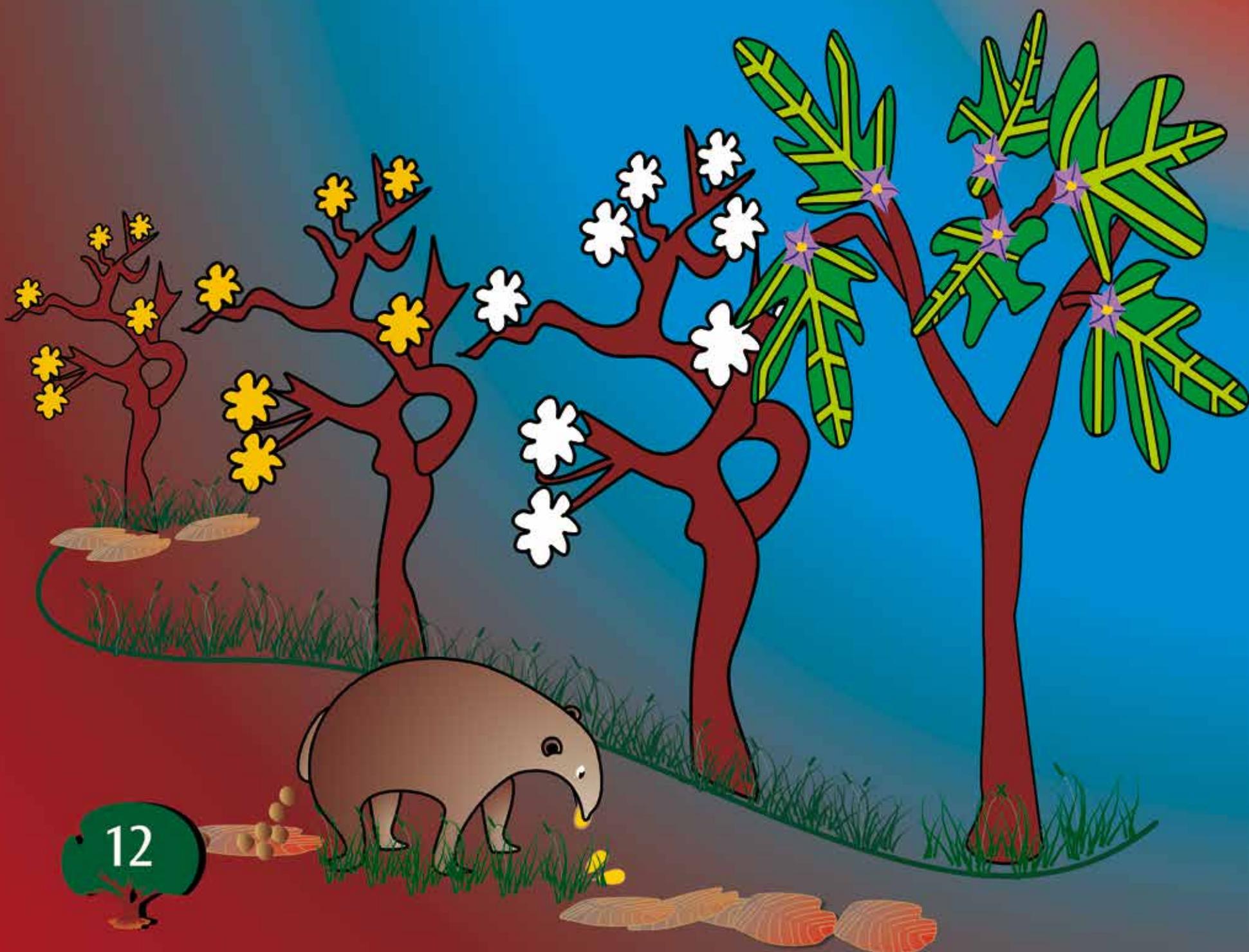
Come daqui, escolhe de lá, engole um e derruba cinco frutos.



Ainda bem, porque a anta,
essa tinha 300 quilos. Comia
quase tudo que era vegetal.
Ramos, folhas, cascas.
Mas das benditas frutas,
ela precisava da arara
porque com 300 quilos
não conseguia subir
em canto algum.
E à medida que
comia frutas,
engolia as
sementes. Depois?



Depois saía defecando uma sementaiada por aí, e assim, sempre tinha árvores novas para a arara derrubar os frutos que alimentavam a anta.

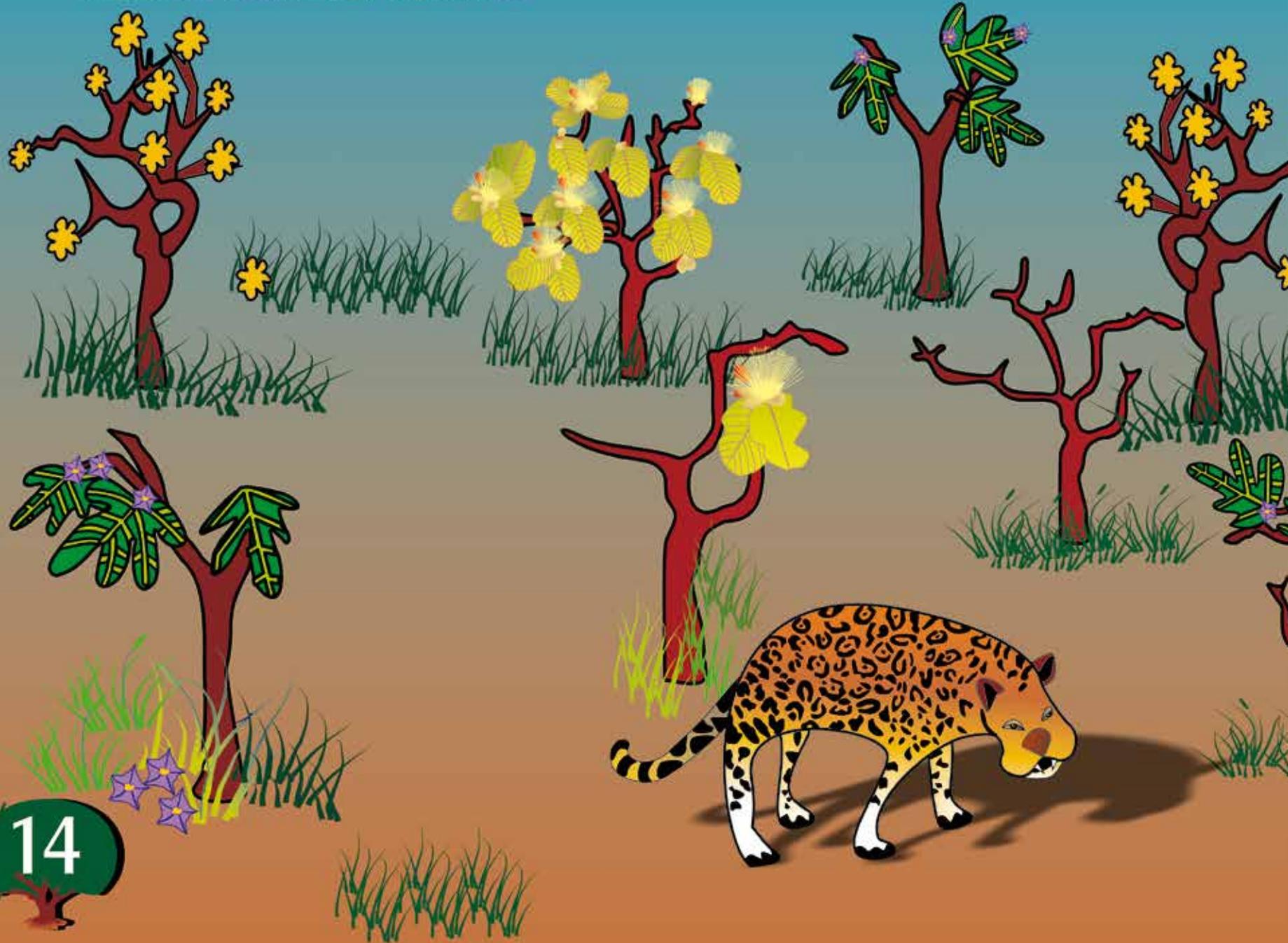


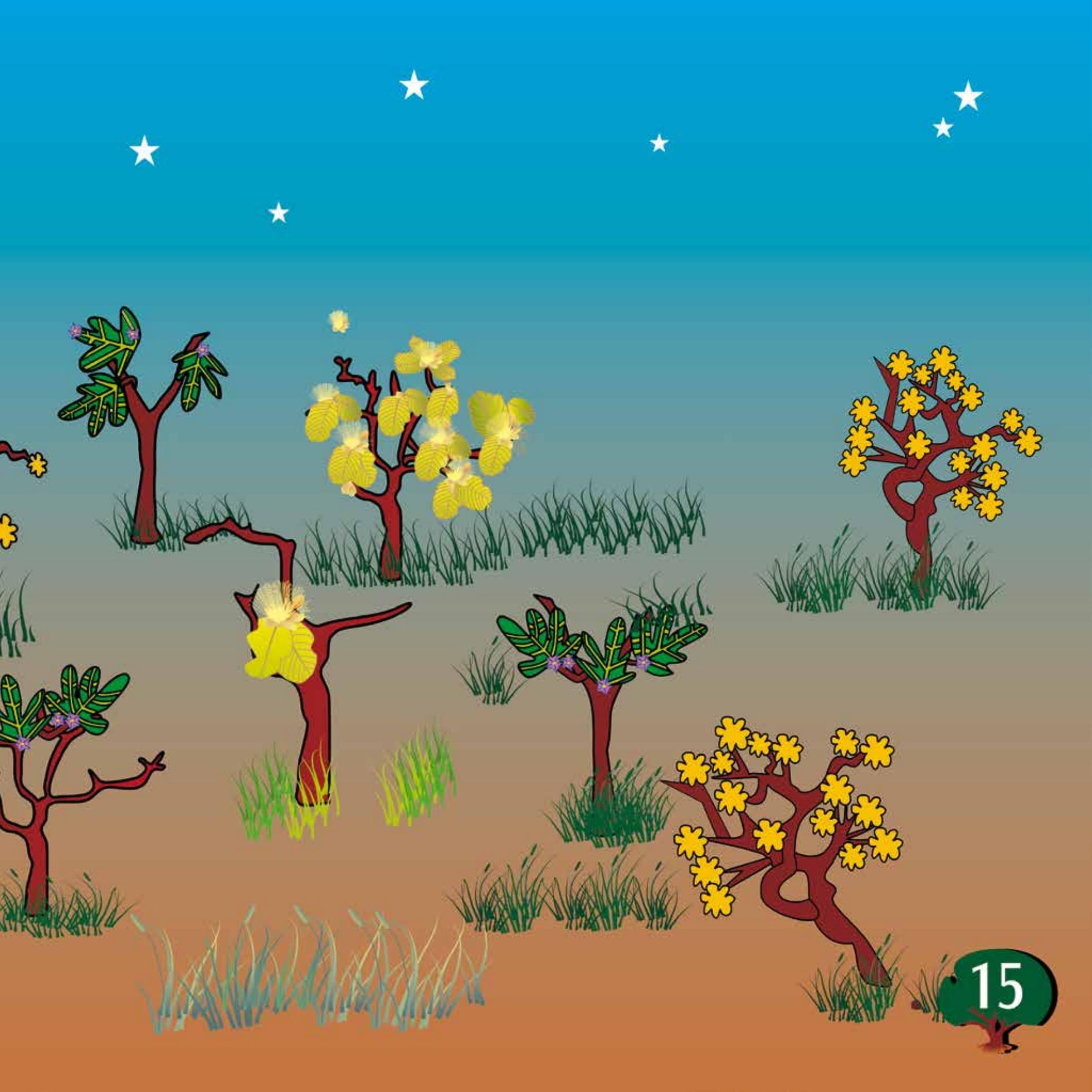
Sem a arara, a anta já não tinha mais tanto fruto.
De vez em quando, os podres caídos no chão,
enquanto os pés de fruta pesavam carregados.
E a anta foi ficando magrinha,
e já não dava mais filhotes.
Na época de fartura, um filhote
era dela, o outro a onça pegava.
Mas agora, a anta já era.





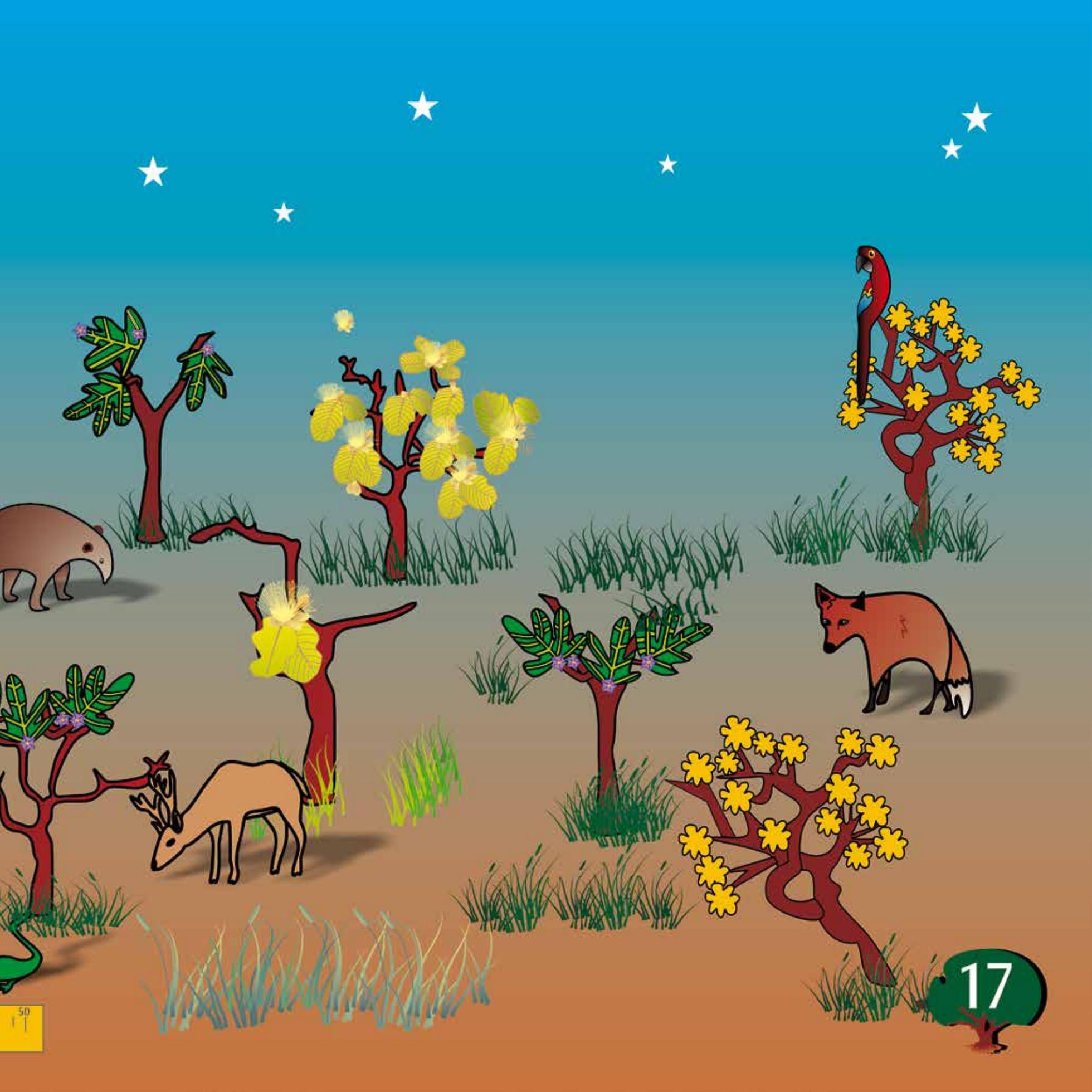
E a floresta começou a envelhecer. A onça, nessa
nessa época ainda tinha uma aqui, ficou preocupada.
Com a floresta ficando cada vez mais velha, as árvores
iam morrendo, morrendo; e a floresta foi
ficando ralinha, ralinha.





Tudo quanto era bicho enxergava a onça e ela teve que começar a caçar cada vez mais longe. E olha que não era pouca coisa não, porque essa onça pesava 150 quilos e usava uma área de 150 quilômetros quadrados para caçar.





Foi então que a onça chegou até as terras do lobo-guará.



Com suas pernas compridas, o lobo era um excelente caçador. Comia pássaros, lagartos, ratos e frutos da lobeira, mas não tinha como competir com uma onça. Que diabos aquela onça estava fazendo ali? A onça, faminta, não conseguia correr atrás de rato, e Deus que a livre de ficar comendo frutinhas.



Ela começou a buscar comida. Desperada, comeu o tamanduá.
Eu nunca tinha ouvido falar que onça comia tamanduá,
mas essa estava esfomeada.



E foi uma pena, porque o tamanduá comia 35 mil cupins ou formigas por dia numa área de 1.200 hectares. Chegou uma hora que já não tinha mais tamanduá para a onça. Oras! o coitado do tamanduá tinha um filhote por ano e o filhote demorava até uns quatro anos para deixar um netinho.



Foi então que a onça encontrou os porquinhos
daquele homem que pegou a arara. Não deu outra,
comeu a porcajada toda.



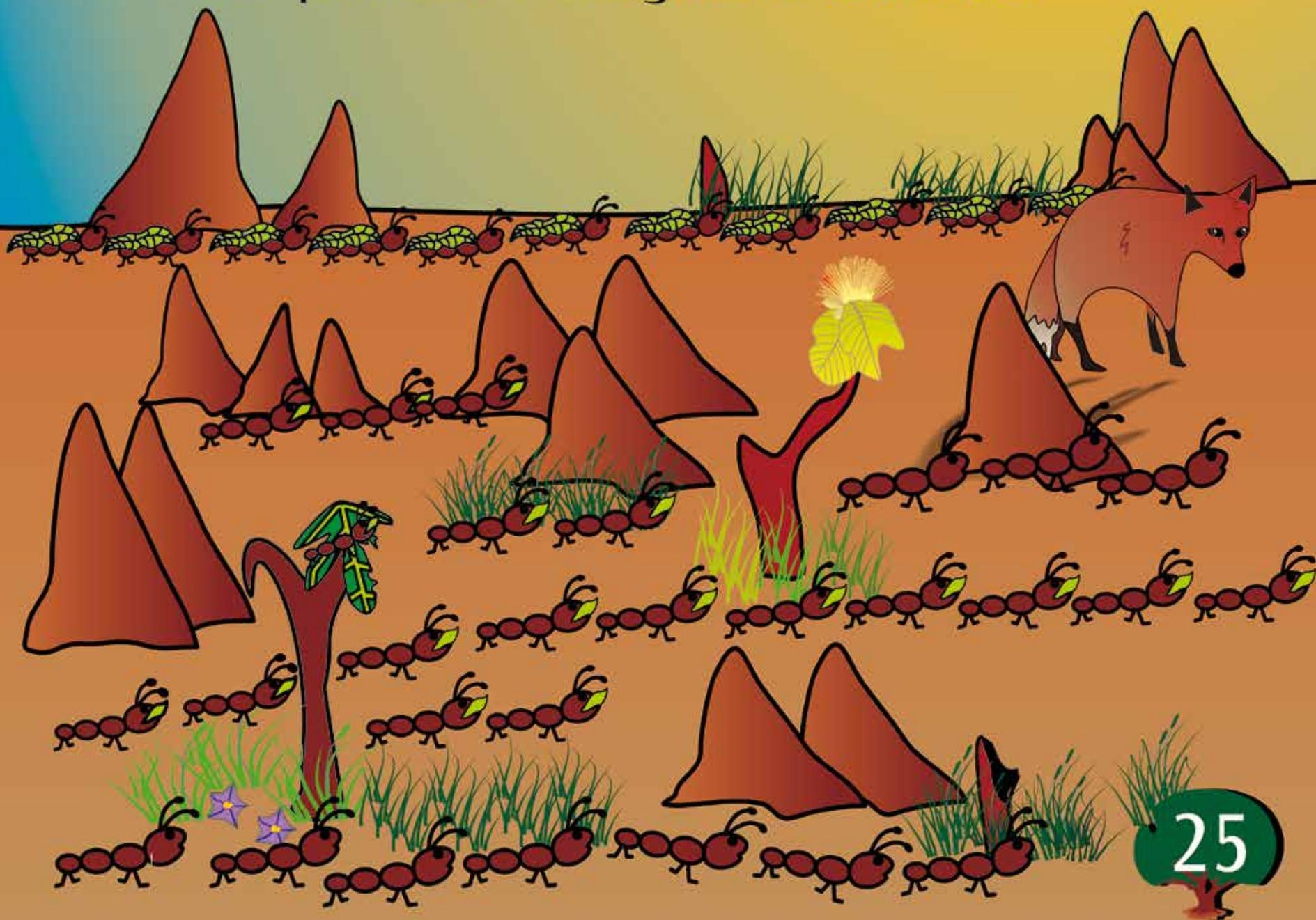
E que porqueira foi aquilo. O homem que sumiu
com a arara ficou uma arara.



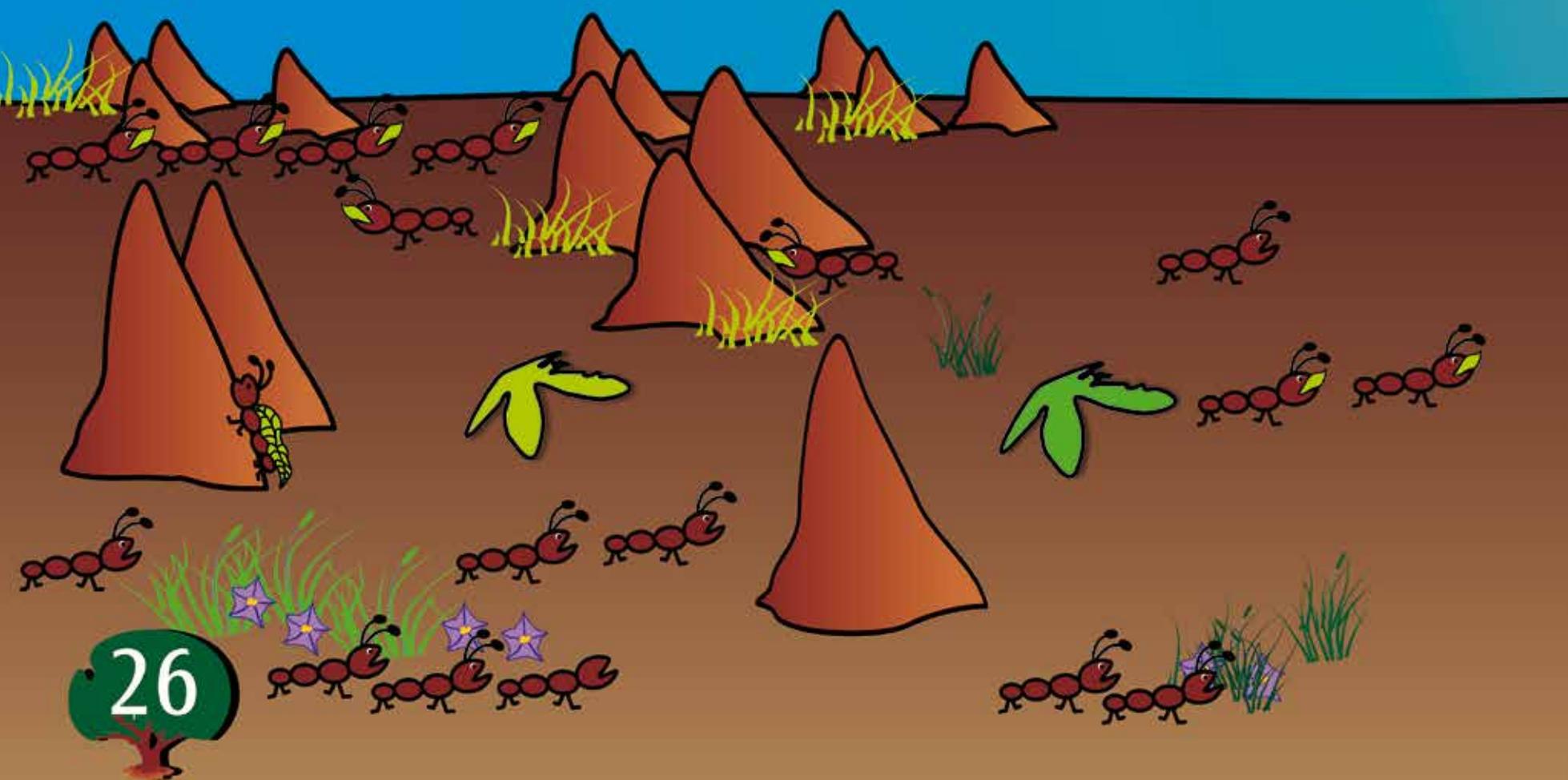
Arrumou um cachorro, saiu para caçar e matou a onça.



Agora já não tinha nem arara, nem anta, nem tamanduá e nem onça, mas tinha tanto cupim e tanta formiga, que esses insetos esfomeados comeram tudo quanto é planta que ainda restava nessa floresta. E aí, não tinha mais onde os pássaros, lagartos e ratos se esconderem. Foi então que o último lobo-guará foi-se embora.

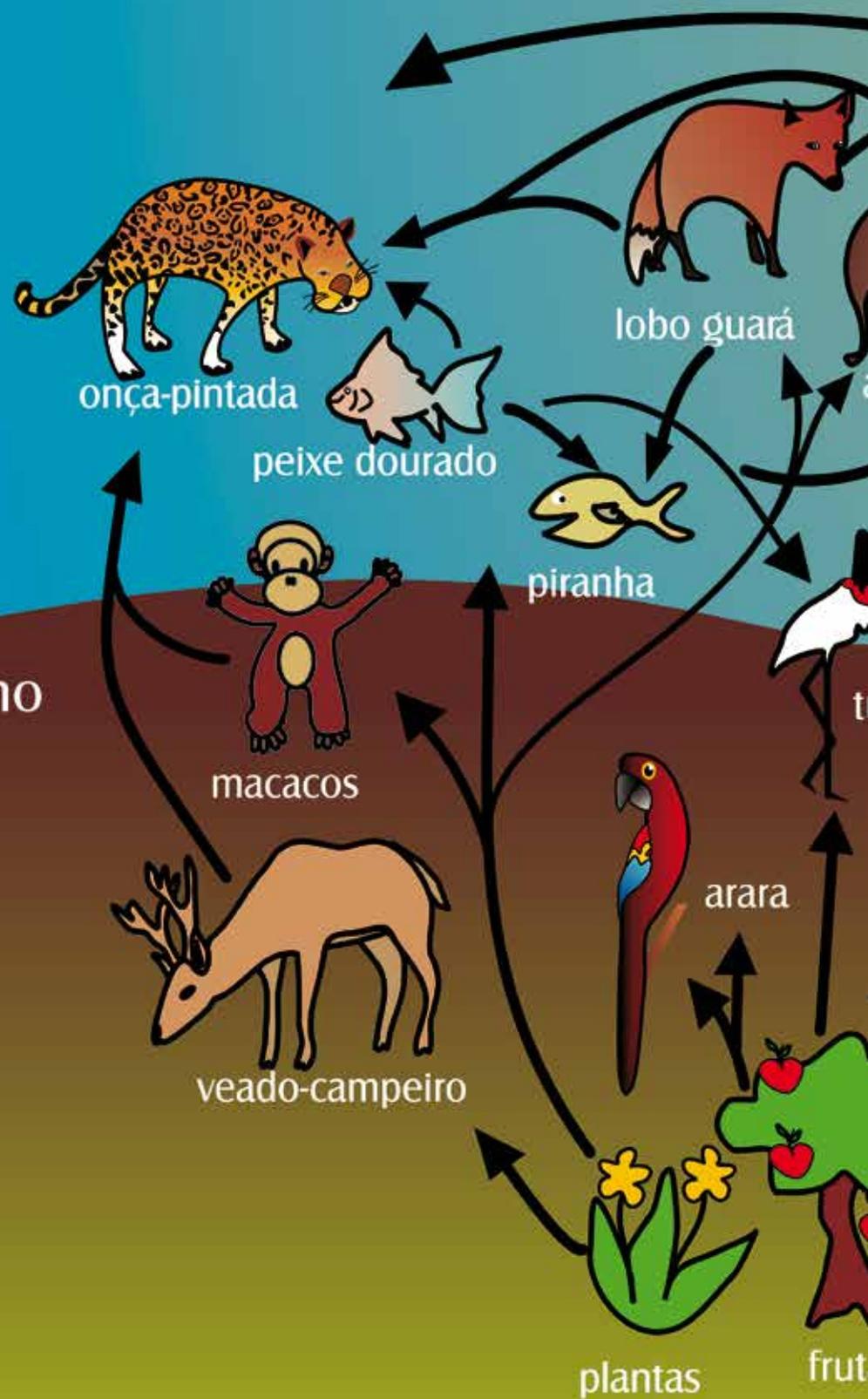


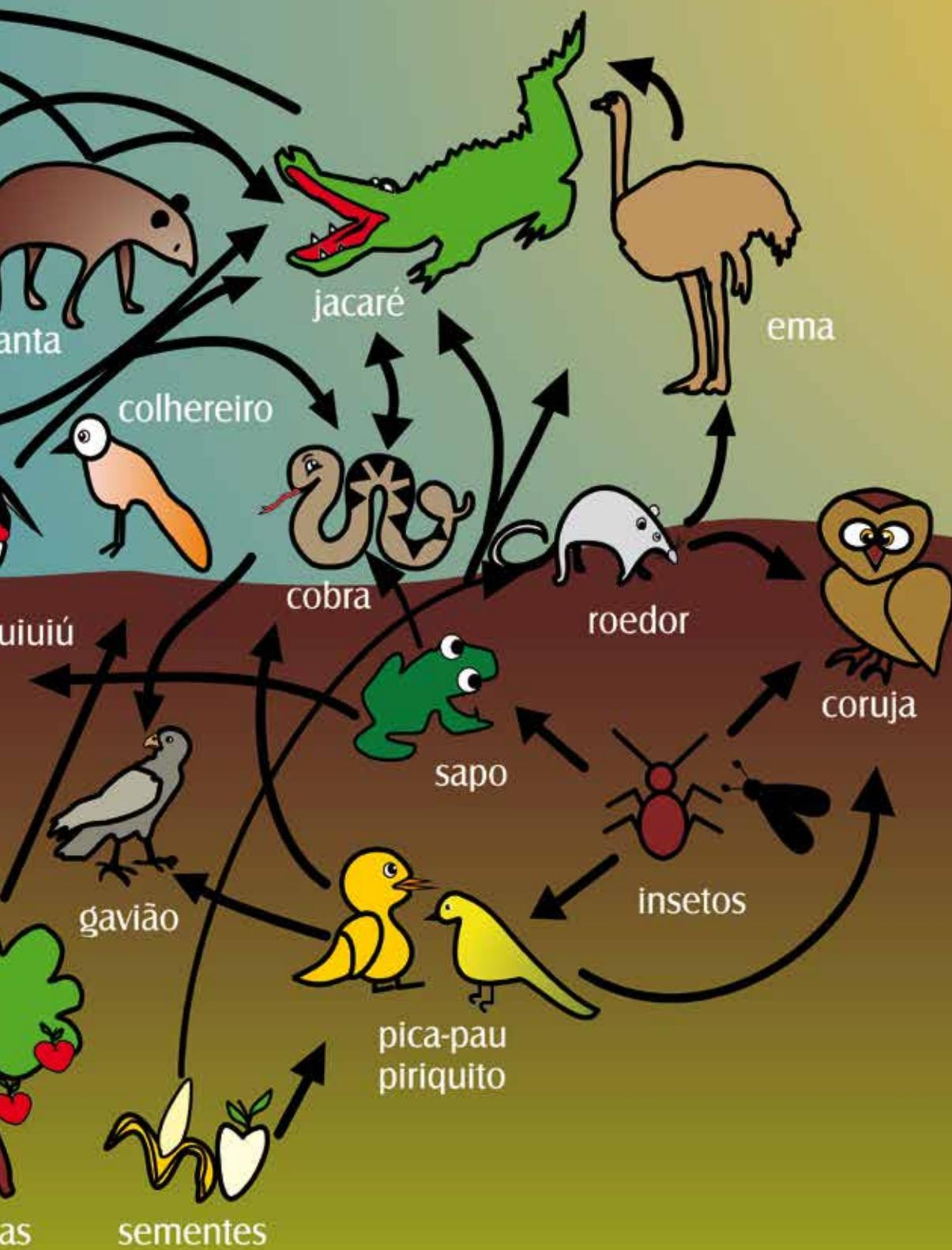
E dizem que o homem e seu cachorro, sem ter o que plantar ou comer, se foram também.





Deixaram o solo nu e a história para ser contada. E o que resta para a gente que ouve este caso é saber que a natureza é como uma delicada teia onde cada nó sustenta todo o equilíbrio e onde cada um tem a sua função.







Ministério do
Meio Ambiente

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA